

## Breves observações sobre a noção de *saudade*: símbolo cultural e paradoxo

Cláudia Assunção Dias  
Márcio Jarek  
Vilmar Debona

**Breves observações sobre a noção de *saudade*: símbolo cultural e paradoxo:** *O presente artigo visa problematizar algumas dimensões da noção de saudade, palavra conhecida por ser peculiar da lusofonia, um “símbolo cultural” da subjetividade luso-brasileira e, ainda, de difícil tradução. O propósito central é destacar alguns aspectos que o tema engendraria e indicar a hipótese de que se poderia sustentar uma ambivalência, um paradoxo da saudade que a noção sugere na medida em que ela não poderia ser tomada sem a constatação de que se trata de um sentimento que aduz a pares como prazer-dor, alegria-tristeza, felicidade-sofrimento, bom-ruim. Para tanto, não nos dedicamos a comentar ou analisar teses norteadoras já defendidas sobre a questão da saudade, linhas interpretativas, escolas literárias ou autores específicos. Do mesmo modo, não nos deteremos no debate filológico e linguístico ou nos debates antropológico, sociológico e histórico. Ao invés disso, visamos, num primeiro momento, destacar certos matizes dessa variada noção para, num segundo momento, indicarmos em que medida ela poderia denotar um paradoxo conceitual a partir de atribuições e características que geralmente lhe são conferidas, como a ideia do desejo de retorno do passado “feliz”, mas, também, o nostálgico sofrimento, a melancolia e a dor pela impossibilidade de tal retorno. Para este último objetivo, lançaremos mão de trechos de algumas conhecidas canções e poesias brasileiras.*

**Palavras-chave:** Saudade; Sofrimento; Nostalgia; Melancolia; Felicidade; Paradoxo.

**Brief observation on the notion of *saudade*: cultural symbol and paradox.** *This paper seeks to problematize certain aspects of the notion of saudade, a peculiar Lusophone word known for being a “cultural symbol” of the Brazilian-Portuguese subjectivity, yet intricate to translate. The main purpose is to shed light on aspects the theme unfolds and point out the hypothesis of a supposed contradiction, a paradox of the term saudade, a word that must be understood as a feeling containing in its core pairs such as pleasure-pain, joy-sorrow, happiness-sadness, good-bad. To do so, this paper does not make use of established theses previously put forward, lines of interpretation, literary schools or specific scholars. Nor will it attain to the debates over it in philology and linguistics, anthropology, sociology or history. Instead, this article aims at highlighting certain nuances of such diversified notion at first, to then show in what measure saudade could signify a conceptual paradox through the attributions and characteristics typically associated with it, such as the desire of returning to a “happy” past, together with the nostalgic pain, melancholy and sorrow brought by the impossibility to do so. For the latter, we resort to passages of popular Brazilian songs and poems.*

**Keywords:** Saudade; Pain; Nostalgia; Melancholy; Happiness; Paradox.

*Não é logo a saudade  
das terras onde nasceu  
a carne, mas é do Céu,  
daquela santa cidade  
de onde esta alma descendeu.*

(Luís Vaz de Camões, *Sóbolos rios*)

Em 2004, a empresa britânica *Today Translations* divulgou uma pesquisa em que classificava a palavra portuguesa *saudade* como a sétima mais difícil de ser traduzida no mundo<sup>1</sup>. Embora se trate de um termo que pode ser compreendido pelos tradutores, o problema seria respeito à dificuldade de se captar, com outras palavras, as referências às culturas locais nas quais o termo *saudade* é de uso corrente. Culturas estas que, aliás, são tão plurais quanto as possíveis semânticas da palavra *saudade*, dado que englobam todos os países lusófonos ou falantes da língua portuguesa e que, embora comunguem de um mesmo idioma oficial - com exceção da região da Galiza, cujos idiomas oficiais são o galego e o espanhol -, apresentam uma história e uma identidade significativamente diferenciadas, fato inegável quando se considera países como Portugal, Brasil, Angola, Moçambique etc. A princípio, poderiam os afirmar que faltariam palavras nos idiomas estrangeiros que pudessem traduzir com a abrangência necessária os significados possíveis de *saudade*. Termos próximos seriam o inglês *remembrance* e o francês *souvenir*, mas que se limitam à ideia de lembrança; assim como a *morriña* galega, e, ainda, a alemã *Sehnsucht* que, talvez, expresse maior proximidade de *saudade*<sup>2</sup>. Como ponto de partida, e ainda antes de qualquer preocupação com a questão da *tradução*, teríamos que nos perguntar pela própria possibilidade de *definição* da noção de *saudade*. Tratando-se de um sentimento contraditório de significados tão múltiplos, haveria consenso suficiente para uma definição conclusiva ou objetiva? Ou se trataria de um sentimento tão individual e intimista que impossibilitaria uma definição conceitual? Estes tipos de perguntas podem se apresentar ainda mais pertinentes se consideramos que existem defensores de que somente os falantes da língua portuguesa poderiam compreender seu significado, que se trataria de uma expressão autóctone, um “sentimento português ou brasileiro”, essencial às

---

<sup>1</sup> Ver em: <https://www.todaytranslations.com/news/most-untranslatable-word>.

<sup>2</sup> Um excelente estudo comparado sobre as noções de *Sehnsucht* e de *saudade*, que se move entre os campos da filosofia e da poesia, é o de autoria de Delfina de Araújo Madureira, intitulado “*Sehnsucht e saudade: para uma história comparada do pathos*” (2008). Conforme observa Óscar Lopes, já no século XV se visou “uma perscrutação contrastiva entre *suidade*, *nojo*, *tristeza*, *desprazer* e *avorrecimento*, perscrutação efectivamente precursora daquela meditação fenomenológica a que, a partir de 1950, se entregaram vários ensaístas portugueses e sobretudo galegos quando tentaram caracterizar a *saudade* e distingui-la da *morriña* e *arela* galegas, da *señardad* asturiana, das *soledades* castelhanas, da *añoranza* de origem catalã, da *dór* romena, da *Sehnsucht* germânica, da *Angst* e da *Sorge* especificamente heideggerianas etc” (Lopes 1994, p. 128).

identidades desses lugares<sup>3</sup>, o que requereria a improvável hipótese de que apenas os habitantes desses lugares poderiam experimentar a saudade, ou a igualmente temerária ideia de que esse peculiar sentimento saudoso seria refém de uma palavra.

### 1. Etimologia

De qualquer modo, a historiografia assegura que a palavra *saudade* é originária do termo em latim *solitatem*, solidão, que foi apropriado culturalmente por povos galaico-lusitanos que habitavam a península ibérica ao longo da Idade Média. Nos escritos da região é comum encontrarmos termos como *solitate*, *solitas*, *suidade* ou *soidade* (em galego, espanhol ou português arcaico)<sup>4</sup>. A história da formação do termo *saudade* e de sua peculiar semântica confunde-se com a própria formação da língua e da identidade portuguesa. E esta, por sua vez, vincula-se à formação e à consolidação do reino de Portugal com o potencial político-econômico por meio da expansão marítima e de suas conquistas ultramarinas. O escritor e pesquisador brasileiro Moacyr Scliar (2003, p. 99) destaca que os navegadores que saíram de Portugal em busca de novos horizontes, Novos Mundos, carregaram a cultura portuguesa com a marca da nostalgia. Segundo ele, citando o escritor e pesquisador português Teixeira de Pascoaes, os navios portugueses tinham “ao longe a saudade” (*ibidem*). Não é estranho notar que nesse momento da história, o “rei-filósofo” português D. Duarte I (1391-1438), um dos responsáveis pelo início da expansão marítima de Portugal, foi um dos pioneiros modernos a criar a taxonomia dos sentimentos de perda, na qual descreve entre os estados psíquicos de nojo, de pesar, de aborrecimento e de desprazer, o sentimento da saudade (cf. *ibidem*).

Em geral, o sentimento contraditório de perda e de solidão no marinheiro que sai de sua terra para desbravar novos lugares, ou o mesmo sentimento

---

<sup>3</sup> A defesa da noção de saudade como uma expressão autóctone aparece já naquele que é considerado o primeiro esboço filosófico sobre a saudade, o Capítulo XXV de *Leal Conselheiro*, de Dom Duarte, o rei português. Sobre a questão, ver, por exemplo, os seguintes trabalhos: Botelho, Afonso; Teixeira, António Braz (Orgs.). *Filosofia da saudade*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986 (Co I. Pensamento Português); Queiruga, Andrés Torres. Nova aproximação a unha filosofia da saudade In: Botelho, Afonso; Teixeira, António Braz (Orgs.). *Op. cit.*, pp. 570-639; Teixeira, António Braz. *A filosofia da saudade*. Porto: Quidnovi, 2006, pp. 22-30.

<sup>4</sup> Cf. Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975, p. 1276.

presente naqueles que ficam à sua espera, é compreendido como sendo a *saudade*. Por analogia, tomamos esse sentimento como um anseio por voltar a estar na companhia de alguém de quem foi necessário se distanciar, uma espécie de desejo motivado por algum elo de identificação ou de afinidade; relação que pressupõe minimamente uma intersubjetividade, uma consciência da própria identidade e um processo de alteridade, que se baseia numa representação de alguém ou de alguma coisa. No verbete *saudade* do Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, vemos que se trataria de um “sentimento mais ou menos melancólico de incompletude, ligado pela memória a situações de privação da presença de alguém ou de algo, afastamento de um lugar ou de uma coisa, ou à ausência de certas experiências e determinados prazeres já vividos e considerados pela pessoa em causa como um bem desejável” (Houaiss 2001, p. 350). Nesse amplo horizonte da definição do dicionário, a noção abrangeria exemplos como “saudades de um amigo”, “saudades de um parente falecido”, “saudades da Bahia”, “saudade de comer a fruta preferida, da praia, da terra natal, de determinado tempo ou época” etc.

## 2. *Saudade como símbolo cultural*

Na história cultural de Portugal e do Brasil são numerosas as referências ao sentimento contraditório da saudade. Desde Luís Vaz de Camões, o poeta “fundador” da literatura lusofônica, conforme defende Scliar (2003, p. 102), a visão neoplatônica cristianizada do final da Idade Média ajudou a instaurar uma verdadeira “mitologia da saudade” que se tornará marca de uma distinta identidade cultural. Tanto é assim que, com o sintoma desse aspecto, principalmente em Portugal e na Galiza, contamos com um significativo e histórico debate sobre o tema – inclusive com realizações de congressos sobre a saudade - e com uma abundante produção literário-filosófica sobre o assunto<sup>5</sup> que ocupa diversos estudiosos há mais de cinco séculos e que ganhou fôlego notadamente a partir da segunda metade do século XX. Há, inclusive, tentativas de se justificar e sistematizar uma “filosofia da saudade”, conforme intentam os trabalhos de Botelho e Braz Teixeira na coletânea *Filosofia da saudade* (1986), a

---

<sup>5</sup> Sobre as linhas gerais e possíveis diferenciações da saudade nas culturas e literaturas portuguesa, galega e brasileira, cf. Teixeira, Antonio Braz. *A filosofia da saudade*. Porto: Quidnovi, 2006 e, também, o *Dicionário de Literatura*, dirigido por Jacinto do Prado Coelho. Um breve levantamento de algumas das principais obras filosóficas e literárias sobre o tema pode ser encontrado em Baptista (cf. 2000, p. 49).

reunião em livro de artigos de Ramón Piñeiro, também intitulado *Filosofia da saudade* (1984), em espanhol, e os muitos artigos publicados na *Revista Portuguesa de Filosofia*, como o de Antunes, intitulado *O significado da saudade numa filosofia portuguesa* (1983)<sup>6</sup>. Nesse sentido, um dos melhores exemplos situa-se na figura de outro grande nome da literatura lusitana, Teixeira de Pascoaes. Para o autor, representante do chamado Saudosismo<sup>7</sup>, a saudade seria, nas palavras de Braz Teixeira (2004, p. 20), “uma síntese de memória ou lembrança e de desejo ou esperança, envolvendo, por isso, ao mesmo tempo, uma dolorida evocação ou presentificação criadora do passado e um elemento futurante, referidos, um e outro, a pessoas e situações concretas e singulares”.

Definição demasiadamente abstrata? Ou, ainda: uma definição que surpreenderia quem imagina ser a saudade, p. ex., mais um dos “símbolos culturais” do Brasil, ao lado do carnaval, do samba e do futebol? Se no imaginário de quem indaga estiver somente a ideia da saudade associada a manifestações artísticas (principalmente brasileiras) e, sobretudo, poéticas e musicais, certamente sim. Afinal, ao menos no Brasil – talvez com uma grande diferença em relação à pátria mãe Portugal e a outras ex-colônias portuguesas – abordar a saudade sem se considerar as vastas expressões culturais que a tomam por objeto seria no mínimo sinônimo de vacuidade ou mero jogo de palavras. Como falar da ideia de saudade no Brasil sem considerar o estigma do país que açoitou milhões de africanos tornados escravos e arrancados de suas nacionalidades e etnias como se não tivessem qualquer sentimento do tipo saudade? A respeito dessa triste e peculiar condição, Moacyr Scliar escreveu:

Arrancados brutalmente à sua terra, transportados nos infames navios negreiros, submetidos ao humilhante trabalho escravo, seria um milagre se não fossem

---

<sup>6</sup> Para uma reconstrução histórica detalhada e rigorosa do pensamento filosófico da saudade a partir de seus muitos expositores e de algumas de suas correntes, cf. Teixeira, Antonio Braz, *op. cit.*, 2006.

<sup>7</sup> O Saudosismo foi um movimento literário com desdobramentos filosóficos e religiosos, de caráter nacionalista, que ocorreu em Portugal no tadamente durante a primeira metade do século XX. Tendo como mentor justamente Teixeira de Pascoaes, o movimento possuía uma estreita relação com a *Revista A Águia*, órgão da Renascença Portuguesa, e reunia intelectuais como Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra, Antônio Carneiro, dentre outros, assim como, em certa medida, Fernando Pessoa. Este, no entanto, afastou-se do movimento devido à sua discordância com o tom renovador nacionalista pretendido, aderindo, ao invés disso, a um projeto de cunho cosmopolita representado pela *Revista Orpheu*. O movimento saudosista entendia a saudade como elemento definidor da alma portuguesa, mas não a tomava meramente como sentimento individual na medida em que a elevava a uma esfera mística enquanto relação do homem com Deus, anseio nostálgico da unidade do material com o espiritual, além de pretender uma correspondência desses ideais nos âmbitos político e social.

tristes. A isto se acrescentava o banzo, a saudade da África, que não raro também os levava ao suicídio. Detalhe: a melancolia do negro era uma situação considerada, nas sociedades escravistas, “normal”. Anormal era o desejo de fugir, rotulado como manifestação maniaca (Scliar 2003, p. 135).

Como não associar ainda o tema da saudade em terras brasileiras a, p. ex., célebres canções, expressões identitárias da mestiçagem de raças, da “brasilidade”, como *Chega de saudade*, de Vinicius de Moraes e Tom Jobim; *Saudade da Bahia*, de Dorival Caymmi; *Que nem Jiló*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira; *Ai, que saudade d'ocê*, de Vital Farias, além das inúmeras cantigas populares, regionalistas, músicas caipiras e sertanejas? Em outro campo, mas sob a mesma perspectiva, é difícil tratar da “saudade brasileira” em termos literários sem considerarmos a poesia de Casimiro de Abreu, de Olavo Bilac e de Mario Quintana, assim como os romances de João Guimarães Rosa<sup>8</sup>. Trata-se, como se percebe, de um campo vasto e rico que, mesmo se nos restringíssemos à questão da saudade na literatura e na cultura brasileiras<sup>9</sup>, dificultaria qualquer tentativa de abarcar a totalidade de suas nuances, as particularidades e a psique coletiva que a saudade pode engendrar.

### 3. O paradoxo da saudade

Sem ignorarmos a imensa importância de diferentes definições e contribuições filosóficas sobre o tema - que, aqui, são apenas mencionadas e não analisadas -, mas, também, sem assumirmos uma linha específica de interpretação por elas estabelecidas, limitamo-nos a indicar de forma introdutória a hipótese de que *a saudade poderia ser tomada a partir da ideia de uma ambivalência conceitual*, ou seja, como sentimento ou afeto caracterizado tanto pelo desejo do retorno - permitido pelas lembranças e pela memória - a um eventual passado feliz e bem-sucedido quanto pelas possíveis dores, sofrimentos e melancolia que aquelas mesmas lembranças e memórias provocam quando da impossibilidade do

---

<sup>8</sup> Sobre a temática da saudade a partir da obra de Guimarães Rosa, ver o livro *João Guimarães Rosa e a saudade*, de Susana Kampff Lages (Ateliê Editorial, 2002).

<sup>9</sup> Comentadores como Osvaldo Orico chegam até mesmo a defender uma significativa diferença entre a saudade na cultura portuguesa e na cultura brasileira, utilizando-se, inclusive, de caracterizações gerais como tristeza e alegria, dor e exaltação etc. para diferenciá-las: “A saudade portuguesa é mais um “morrer de amor”, triste muita vez e provoca dor. A brasileira é mais alegre, imaginativa, é mulher moça [...]. Saudade que não chora, canta; saudade que não punge, exalta; saudade que não abate, enaltece; saudade que não fere, vivifica” (Orico 1948, p. 44).

referido retorno, o que configuraria uma espécie de *paradoxo da saudade*.

O brasileiro José Antonio Tobias, em seu livro *A saudade: ideia ou sentimento*, é um dos pesquisadores que parece atentar para o caráter paradoxal da saudade que temos em vista destacar. Para ele, tratar-se-ia de um “sentimento amargosamente gostoso de um amor ausente” (Tobias 1997, p. 28). Por mais que não seja descabido imaginar um sentimento que é, ao mesmo tempo, amargo e gostoso, a formulação soa intrigante. Nesse sentido, Tobias não dissuadiria muito da já citada visão do português Pascoaes quando este afirma que a saudade envolveria, concomitantemente, uma evocação dolorida do passado e um elemento futurante e esperançoso. Nas palavras de Bittencourt, quando pensamos certas facetas da ideia de saudade, poderíamos notar os seguintes paradoxos:

É um mal de que se gosta, e um bem que se padece [...]. A saudade se caracteriza pela ambivalente lembrança alegre-triste de algo extraordinário e marcante em nossa vida, seja uma vivência do passado, seja uma pessoa querida que não esteja mais presente em nosso mundo de relações e que ansiamos ter mais uma vez próxima de nós. Essa nova possibilidade de interação satisfaz razoavelmente nosso âmago (Bittencourt 2016, p. 1).

O próprio dicionário brasileiro de língua portuguesa *Aurélio* parece tomar a saudade em sua ambiguidade: “lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las” (1975, p. 1276). Esta breve definição do Dicionário Aurélio, mesmo que pareça vaga ao afirmar-se tratar de uma lembrança ao mesmo tempo nostálgica e suave, pode inspirar uma reflexão que pense as proximidades, analogias e diferenças entre saudade e nostalgia. Por que a saudade não seria simplesmente uma questão de nostalgia? A definição do dicionário acima citada dá a entender que lembrança nostálgica é algo diferente de lembrança e de memória suave ou apazível, a partir do que poderíamos sugerir uma possível distinção entre as duas referidas noções: se nostalgia é necessariamente associada a algo doloroso e triste, saudade se diferenciaria dela na medida em que, como pretendemos indicar aqui, pode se referir tanto a alguém ou a alguma experiência dolorosa quanto a algo ou alguém que desejamos ardentemente rever como forma de reviver um tempo pretérito feliz. Ou seja, esse caráter paradoxal da saudade faria com que ela pudesse, de alguma forma, distinguir-se da noção geral de

nostalgia.

Muito embora tenhamos consciência de que uma questão filosófica dessa magnitude exigiria longa e aprofundada discussão, restringimo-nos, aqui, a indicar qual poderia ser parte do conteúdo da nossa hipótese de um “paradoxo da saudade”, tomando como norte alguns trechos de poesias e canções da cultura e da literatura brasileiras. Aliás, conforme notaremos, em alguns casos é curioso com o um poeta ou compositor tematiza a saudade como sentimento de felicidade, que proporciona prazer, alegria, mas, logo em seguida, na mesma composição, passa a tomá-la a partir de lembranças que remetem a dores, tristezas e sofrimentos. Esse é o caso da conhecida canção popular de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, *Quem Jiló*, especificamente nas seguintes estrofes:

Se a gente lembra só por lembrar  
O amor que a gente um dia perdeu  
Saudade *inté* que assim é bom  
Pro cabra se convencer  
Que é feliz sem saber  
Pois não sofreu

Porém se a gente vive a sonhar  
Com alguém que se deseja rever  
Saudade, *entonce*, aí é ruim  
Eu tiro isso por mim  
Que vivo doido a sofrer

Uma das canções mais populares da cultura brasileira, esta letra poderia servir como exemplificação de como o referido caráter ambivalente da noção de saudade poderia ser apreendido em termos de “brasilidade”. O mesmo termo saudade se referiria tanto à lembrança que se deseja ter de um amor perdido, que seria “bom” pelo fato de o “cabra” (pessoa) não ter sofrido, quanto ao desejo de se rever alguém cuja ausência é “ruim” e sinônimo de sofrimento.

Essa mesma questão da saudade pauta a partir da ideia de felicidade e pretérita que se deseja reviver transparece de forma esplendorosa nos famosos versos de Casimiro de Abreu (2009, p. 30-31):

Oh! Que saudades que tenho/ da aurora da minha vida,/  
da minha infância querida/ que os anos não trazem mais!/  
Que amor, que sonhos, que flores,/ naquelas tardes fagueiras,/  
à sombra das bananeiras,/ debaixo dos laranjais!

Percebemos, neste caso, com o a noção aqui analisada pode exigir que o regresso ao estado de felicidade que se experienciou no passado, lembrado a partir de costumes, valores, vivências e imagens intimistas, tenha com o condição a memória, denotando a impossibilidade de se repetir a vivência tão própria e singular; o que acaba se tornando uma lamentação por se ver condicionado a tão somente lembranças.

Mas esse tipo de lamento que soa melancólico não é a única face da ideia de saudade – diferentemente, como dissemos, da noção de nostalgia – e pode até parecer contrastante com o desejo de superação do sofrimento oriundo da referida impossibilidade de se reviver algo ou de estar novamente com alguém. Ou, também, pode contrastar com as práticas e decisões que visem, de alguma forma, pôr fim ou encontrar uma solução para o sofrimento, o que poderiam os notar na conhecida canção fundadora da Bossa Nova, *Chega de saudade*<sup>10</sup>:

Vai minha tristeza  
E diz a ela que sem ela não pode ser  
Diz-lhe numa prece  
Que ela regresse  
Porque eu não posso mais sofrer

Chega de saudade  
A realidade é que sem ela não há paz  
Não há beleza  
É só tristeza e a melancolia  
Que não sai de mim, não sai de mim, não sai

Mas se ela voltar, se ela voltar  
Que coisa linda, que coisa louca  
Pois há menos peixinhos a nadar no mar  
Do que os beijinhos que eu darei  
Na sua boca

[...]

Dentro dos meus braços  
Os abraços hão de ser milhões de abraços  
Apertado assim, colado assim, calado assim  
Abraços e beijinhos, e carinhos sem ter fim  
Que é pra acabar com esse negócio de você viver sem mim

---

<sup>10</sup> Talvez possamos afirmar que a relação dessa canção em específico e da Bossa Nova em geral com a noção de saudade na cultura brasileira, ou com parte dela, tenha traços peculiares e significativos para uma visão panorâmica da ideia. Para uma tentativa de compreensão dessa relação, ver a obra de Ruy Castro intitulada justamente *Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova* (Companhia das Letras, 1990).

Não quero mais esse negócio de você longe de mim  
Vamos deixar desse negócio de você viver sem mim

Notamos que, desde o próprio título, o sujeito enunciador parece ter chegado a uma conclusão e, motivado por tal conclusão, a uma decisão. Decisão, aliás, que é tomada por um sujeito sofredor, triste e melancólico. Esta decisão, registrada com verbos conjugados no presente que confessam um passado e um presente dolorosos, é enunciada na primeira metade da música por meio de várias afirmativas: “sem ela não pode ser”, “eu não posso mais sofrer”, “chega de saudade”, “sem ela não há paz, não há beleza, é só tristeza...” “e a melancolia que não sai de mim, não sai de mim, não sai”. Separada por um “Mas” de melodia prolongada, esta primeira parte, que descreve um passado e um presente dolorosos e infelizes, é superada por uma segunda parte que, mesmo sem afirmar a certeza do regresso da pessoa amada, entoa a alegre certeza interior de que seria um futuro esplendoroso e belo. Aqui, com os verbos conjugados no futuro, a grandeza do afeto prometido não é demonstrada apenas pela intimidade das carícias a serem revividas, mas também pelo elemento quantidade: aimensidão de todos os “peixinhos” que existem no mar seria menor em relação aos “beijinhos” a serem trocados. Do mesmo modo, os abraços serão “milhões”, até que se chegue a uma infinidade; atitudes revigoradas e comparações tão entusiasmadas a ponto de o ritmo ser alterado – principalmente dos três últimos versos da última estrofe, mas já a partir do terceiro verso dela – para um movimento significativamente mais rápido, descontraído e alegre em relação aos melancólicos versos de uma mesma saudade, mas que havia sido dita por outro viés nas primeiras estrofes. Teriam Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes dado o “tom” do “paradoxo da saudade”?

Por certo que essas poucas considerações não são suficientes para a determinação definitiva de nossa hipótese da saudade como sentimento ambivalente, contraditório e paradoxal e que, como o símbolo cultural dos países lusófonos, poderia ser detectado nas expressões artísticas e filosóficas lusobrasileiras, mas este breve trabalho poderia servir como um início de conversa, como o vislumbre de possibilidades de pesquisas mais amplas e aprofundadas. Ao mesmo tempo, como este artigo busca uma colocação além de seu país de origem,

o Brasil, em itimos as definições iniciais e as discussões introdutórias aqui apresentadas sobre a noção de saudade com o convite ao conhecimento dessa curiosa e complexa peculiaridade lusófona. Uma peculiaridade que traz principalmente muito das configurações da subjetividade luso-brasileira e abre a possibilidade de exploração histórica, antropológica, linguística, literária ou filosófica de um dos aspectos dessas identidades que podem, inclusive, modificar a maneira como estas culturas são vistas mundialmente.

### **Bibliografia**

- Antunes, Alfredo. O significado da saudade numa filosofia portuguesa. In: *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, Tomo XXXIX, 1983, pp. 13-42.
- Baptista, António Rodrigues. Rosalia de Castro no horizonte dos “saudosistas” portugueses. In: Rodríguez, José Luís (Org.). *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*. Tomo II. Santiago de Compostela: Parlamento de Galicia – Universidade, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico, 2000.
- Bittencourt, Renato Nunes. A saudade, a nostalgia e o inefável. In: *Revista Filosofia: Ciência e vida*, São Paulo, n. 117, 2016.
- Botelho, Afonso; Teixeira, António Braz (Orgs.). *Filosofia da saudade*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986. (Col. Pensamento Português).
- Carvalho, Nelly. A saudade na língua portuguesa. In: *Confluência: Revista do instituto de literatura portuguesa*, Rio de Janeiro, n. 31, 2006.
- Cascudo, Luís Câmara. *Locuções Tradicionais do Brasil*. São Paulo: Global Editora, 2004.
- Casimiro De Abreu. Meus oito anos. In: *As primaveras*. Goiânia: Kelps, 2009.
- Castro, Ruy. *Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- Coelho, Jacinto do Prado. *Dicionário de Literatura*. Vol. 4. Porto: Editora Figueirinhas, 1979.
- Costa, Dalila L. Pereira; Gomes, Pinharanda (Orgs.). *Introdução à saudade. Antologia teórica e aproximação crítica*. Porto: Lello e Irmão, 1976.
- Damatta, Roberto. Antropologia da saudade. In: *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1993.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª ed. (10ª impressão). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.
- Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- Houaiss, Antônio. *Dicionário de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

- Lajes, Susana Kampff. *João Guimarães Rosa e a saudade*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.
- Lamas, Maria Paula. *Reflexões sobre a saudade*. Lisboa: Im pressão José Fernandes, 2003.
- Lopes, Óscar. *A busca de sentido. Questões da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1994, pp. 127-157.
- Madureira, Delfina de Araújo. “*Sehnsucht*” e “*saudade*”: para uma história comparada do “*pathos*”. Tese de Doutorado. Universidade do Minho. Instituto de Letras e Ciências Humanas, Minho, 2008.
- Michaëlis De Vasconcelos, Carolina. *A saudade portuguesa*. Lisboa: Guimarães, 1996.
- Noronha, Maria Teresa de. *A saudade: contribuições fenomenológicas, lógicas e ontológicas*. Lisboa: INCM, 2007.
- Orico, Osvaldo. *A saudade brasileira*. Rio de Janeiro: Editora S/A A Noite, 1948.
- Piñeiro, Ramón. *Pra unha filosofía da saudade*. Vigo: Galaxia, 1953.
- Piñeiro, Ramón. *Filosofía da saudade*. Vigo: Galaxia, 1984.
- Queiruga, Andrés Torres. Nova aproximação a unha filosofía da saudade. In: Botelho, Afonso; Teixeira, António Braz (Orgs.). *Filosofia da saudade*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986. (Col. Pensamento Português), pp. 570-639.
- Scliar, Moacyr. *Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- Teixeira, Antonio Braz. *A filosofia da saudade*. Porto: Quidnovi, 2006.
- Teixeira, Antonio Braz. Em torno da metafísica da saudade de Teixeira de Pascoaes. In: *Filosofia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Porto, Vol. 21, pp. 13-26, 2004.
- Tobias, José Antônio. *A saudade: ideia ou sentimento*. São Paulo: AM Edições, 1997.